O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1100

20 de Julho de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

NOVO BISPO DE ANGOLA E CONGO

(De fotografia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Esta é a chronica do verão.

Na torre do Carmo vão bater as seis. Ruas tranquillas e desertas quasi. De longe em longe, apenas, isolado, um pregão de garoto que se dilue no ar, como o grito de um melro que batesse as azas d'aquella acacia para algum beiral; e a nota aguda, prolongada e fresca, muito bem vibrada, da rapariga que já vende o leite: — «Leiii... te!» Dos portões fechados, dois ou tres se abrem, e serviçaes zelosos, de blusa clara, limpam, esfregam, tornam refulgente o metal dos botões das campainhas.

Em mangas de camisa, enfarinhados, vergando ao pezo dos cabazes cheios, entram na faina os moços de padeiro, que o pão de cada dia vem trazer-nos hoje.

Ha vidraças abertas nas trapeiras, e na moldura verde de uma d'ellas, como assumpto de singelo esboço, o busto enfezadito d'essa que lá mora, madrugadora, esguedelhada, esperta, fartando a sêde de um craveiro em flôr.

Nalgum angulo de praça, destacado, a meio d'esta immensa paz matinal, como o desconchavo de uma fifia que cortasse a melodia de um concerto, a pessoa inutil, convencional, ociosa, de um agente de segurança publica; e no angulo opposto, estatelado ao sol, de ventre para o ar, um cão sem dono, que o mosquedo morde.

Voltam vasias, do mercado, as tremendas carroças dos legumes, das fructas, das flôres, das carnes, das aves, dos coelhos, que de longe e desde muito cedo, pela noite cerrada vieram acarretando.

A Praça da Figueira, a esta hora, faz-nos lembrar um pouco aquella extraordinaria festa da Laponia em que o povo sauda, do alto de certa collina d'onde se avista a aurora, o grande sol que para elle renasce, ao fim de uma noite que durou dois mezes... O sol, o grande sol! primeiramente espreguiçado e languido, mal acordado ainda e com bocejos, deixando a custo a macieza tepida d'esse leito real onde dormiu; mas pouco a pouco decidido já, assomando á varanda do horisonte, magnificente, bello, dardejante, em pleno triumfo, lançando á turba que em baixo se aglomera e lhe canta victoria, mãos cheias de oiro, desperdicios regios, que os pobres e os ricos, e os remediados, podem colher, com egual direito... Porque o sol é grande, imparcial, generoso, e quando nasce, quando de lá surge, vigoram sobre a terra communismos de luz: o sol é para todos!

A esta hora, illuminada em cheio, coroada de faiscas nos torreões doirados, a Praça da Figueira ostenta um ar de immensa cathedral, toda fundida em ferro, onde se preste culto áquella deusa — a Gula. A fantasia perde se aqui dentro, entre tantas maravilhas de vegetação, e na presença de tantas exhibições de carne; e o poeta, que venha em busca de imprevistos, não terá meio de tirar partido d'estes montões de hortas arrancadas, d'estas montanhas de pomares destruidos, d'estes altares de rezes sacrificadas...

Entre as sete e as oito, abertas já de par em par as portas de todas as lojas, tirados os taipaes de todas as vitrinas, varridos os patamares de todas as escadas, espanejado o pó de todos os balcões, á venda nos kiosques todas as gazetas, aguardando a carroça todos os barris de lixo —

ondeia pelas ruas da cidade baixa uma multidão estremunhada de costureiras e tipografos. Descoloridas ellas, magras, sem quadris, mas lepidas, contentes nos seus parcales de bonecas, correspondendo meio timidas, meio impudentes, ao galanteio dos conquistadores que as seguem, todas as manhãs, até á porta da modista — sargentos, aprendizes, estudantes e caixeiros. Neurasthenicos elles, a barba por fazer, miopes, cançados, cheios do tedio que a vida lhes inspira nos maus dias em que — raios te partam! — lhes atira o diabo um pontapé tremendo ao galeão já cheio. Vão ellas alinhavar, cholear, coser esses pedaços de seda, de veludo, de setim, de tecidos carissimos, outras tantas complicações do luxo com que a intelligencia dás nossas mulheres se atrofia, e a preponderancia moral do seu papel de esposas e de mães se prejudica e avilta... Vão elles compôr os periodos, os paragrafos, as columnas ou as paginas que nessas tiras de papel escripto se conteem, e por meio das quaes nós lançamos ao publico — nós litteratos, nós moralistas, nós criticos, nós lunaticos — para que nelle germinem a vicissitude das nossas opiniões, a falsidade das nossas theorias, o disparate dos nossos modos de ver — nos jornaes, nos livros, nos pamfletos...

Hora tumultuosa, entre as dez e as onze. Em pleno vigor a faina cidadã. Toda a gente nas ruas, almoçada, escovada, prompta. Agaloados de escarlate, os carteiros terminam, n'um banho de suor, a distribuição postal d'esta manhã. Atroam os ares, silvos de locomotivas e dos vapores de Cacilhas, gritos de varinas e de aguadeiros...

Subito, porque ao longe se ouviu uma surdina de banda militar que marcha e se aproxima, vae pelas janellas e varandas á alegria vivaz, o contentamento de uma população sobresaltada de mulheres e de creanças, em roupões brancos e bibes côr de rosa, despenteadas, estouvadas, estatelando sobre os parapeitos massas de carne livres de espartilho — que saltaram do leito ou se levantaram do almoço, precipitadamente, para não perderem o espectaculo tão querido, tão festejado da infanteria que passa para a guarda das Côrtes... Pan... rataplan... rataplan... Um... dois!... Um... dois! E as baquetas rufando nos tambores, tão depressa, depressa, depressa, que quasi se não vêem... E os cornetas soprando nos bocaes, com tanta força, que as veias da testa quasi espirram sangue... A um signal do mestre, como um tiro de peça, o bombo estruge... Poum! E bruscamente, num rugido de cobres reluzindo ao sol — trombones, trompas, saxofones, — enthusiastas, quentes, marciaes, n'este tempo faz os clangores guerreiros!..

Por volta do meio dia já o aspecto é outro em certos e reconhecidos recantos da cidade. Meio dia é a hora da preguiça, quando se correm persianas e cortinas, e o calor amollenta as creaturas. Nas secretarias do Estado dormitam os burocratas, á porta da Havaneza vêm palitar os dentes os hospedes dos hoteis da visinhança, e nos caes do Aterro dormem, a somno solto, de papo para o ar e o peito aberto ao sol, varinos e catraeiros.

No Pelourinho, em arraial canalha, gastando a hora d'ocio, toda a malta em blusa do Arsenal, hilariante e crápula, consumindo a zurrapa das tabernas, jogando as cartas, discutindo politica, beliscando as ancas das melhores peixeiras! Andam no ar, em mornas harmonias, pregões de fructas, numeros de cautelas, notas de realejos, sinetas de officinas. E em doidas espiraes, batendo as azas, zunindo e persistindo, moscas malditas mordiscando calvas e taboleiros melados de queijadas... O *Noticias* e o *Seculo* — os dois — dez réis...

Tres horas da tarde é a hora em que desce a ladeira do Chiado, a pé, em phaetons e landaus, a Alta Roda lisboeta, representada pelos ultimos descendentes de extinctas elegancias, pelas derradeiras sôbras de dandysmo e de fortuna, realisando a seu modo a glorificação da elegancia moderna, em sobrecasacas de cauda côr de pinhão talhadas no Amieiro e vestidos copiados por Mademoiselle Apère dos pasquins de modas que Paris exporta. De mais em mais se torna cristalino o ar' ligeiro e luminoso, secco e crespo, tonificando a vitalidade nervosa d'essa boa gente que passa, e sorri, e finge ser feliz no luxo exuberante e ruidoso que simula, quando a verdade é que essa pobre gente só é feliz ainda porque se assoalha e vivifica ao rutilante sol que a sua leviandade não poude comprometter na batota, nem hipothecar ás exigencias de um ultimo emprestimo externo...

Ha figurinhas bem interessantes, todavia, na passagem murmurante de failles que roçagam e tacões miudinhos que resvalam, perfumando a atmosfera de evaporações custosas de Lubin e de Rimmel. Ha diplomatas estrangeiras, e patricias que já estiveram lá fóra e aproveitaram do convivio amavel e civilisador do boulevard, que conseguem imprimir, a espaços, na massa parda e boçal dos presumidos transeuntes d'esta hora e d'este sitio, certa nota discordante num paradoxo de agradavel prestigio, em requintes de sociabilidade. Ha orelhas rosadas como conchinhas de nacar, tão habituadas a ouvir, e tão discretamente, as gentilezas mais audaciosas; ha bocas subtis que sabem sorrir tão bem a essas gentilezas; e cabellos de oiro e seda tão adestrados na arte de parecerem indomaveis aos dedos brancos e longos que não cessam de aconchegá-los á nuca, emquanto se não cala a audacia d'aquellas gentilezas — que a gente quasi se consola em vêr que ainda ha veias azues por onde giram globulos de sangue d'uma certa raça, cuja moral altiva, toda assente em molas engenhosas de galanteios e traições, se sinthetisava nessa resposta do joven e doidivanas Conde de X... a um azedo e rispido interrogatorio de seu respeitavel avô:

— «Tenho filhos, tenho, sim senhor! Tenho tres, ou quatro... mas nados entre gente de tão nobre estirpe, que em nada me preocupo pelo futuro d'elles!»

Ainda ha restos de dia, mas involvidos já nos primeiros gazes sombrios do crepusculo, ás oito horas, quando a certas mezas do Café Suisso vão chegando, pontuaes e jantados, arrotando forte e resistindo á gota, bravos officiaes que já soffreram junta e só se atrevem agora nalgum cêrco á dama. E' esta a hora de saudade e de esperança, de vaga nostalgia e soffrimento dôce, que entristece e que encanta a um mesmo tempo, como certas estancias de João de Deus; hora a que o meu querido sol se esconde, quando se acendem as luzes da cidade e illuminam em jubilos os armazens de modas, as lojas dos joalheiros, os restaurantes, os cafés, os theatros; hora a que vem, e passa, sob a mesma larga janella d'onde vi romper o sol, agora que assisto melancolicamente ao desmaiado instante do seu repouso, a silhueta esbelta de alguma Margarida, sua bilha á cabeça, esguia e aprumada, sorrindo ao longe, pelos dentes alvos, a alguem que a espera n'essa ida á fonte...

E nas brumas se espargem e se perdem os fumos das chaminés, e no arvoredo tremulinam as folhas e as azas, e á borda d'agua crescem os agriões e as rãs, e as cigarras se alegram nos silvedos, espantando tristezas com cantigas...

JOÃO PRUDENCIO.

D. João Evangelista de Lima Vidal

Novo bispo de Angola e Congo

Em 26 de junho findo, chegavam de Roma as bulas que confirmavam bispo de Angola e Congo o ex.^{mo} e rev.^{mo} dr. João Evangelista Lima Vidal, e tres dias depois, em 29, celebrou-se na Sé de Coimbra, a sagração do novo bispo.

A ceremonia liturgica revestiu a maior imponencia destes actos, dos mais esplendorosos da Egreja na sagração das suas altas dignidades.

Foi sagrante sua ex.^{a} rev.^{ma} o Nuncio Apostolico, na qualidade de embaixador e representante de Sua Santidade o Papa Pio X, em Portugal, e assistentes os ex.^{mos} e rev.^{mos} bispos conde de Coimbra e de Bragança.

O monumental templo da Sé encheu-se completamente. Na capela-mór, onde a assistencia era numerosa, compareceram as autoridades civis, militares e eclesiasticas de Coimbra, e mais pessoas de representação da mesma cidade e de Aveiro, notando-se os srs. condes do Ameal, de Sucena, de Agueda, de Felgueiras, de Monsaraz, conselheiro Ferreira Freire, Costa Alemão, Silva Ramos e Luiz da Costa, reitor, secretario e lentes da Universidade, representantes do municipio, da Associação Comercial, irmandades, superior e procurador das Missões Ultramarinas, irmans religiosas do Colegio de Santa Joana, de Aveiro etc.

A mãe, irmans e irmão de sua ex.^{a} rev.^{ma} o novo bispo achavam-se tambem presentes.

O povo de Coimbra enchia o resto do templo, onde as flôres e luzes, em profusão, abrilhantavam festivamente o sumptuoso recinto consagrado ao culto divino.

Quem assistisse á pomposa solemnidade, poderia bem pensar que, no seio da Egreja Catolica, não é preciso ter nascido em berço de ouro, cercado da côrte, entre purpuras e arminhos da realesa, para assumir as grandezas de principe. Outros são os principios da Egreja, que considera acima de todas as genealogias e nobrezas do mundo a Virtude, e quando este grande dote se reune com o da boa razão e claro entendimento, ainda que seja no mais humilde presbitero, a Egreja não cura dessa humildade para sagrar os seus princepes, porque pela Virtude é que elles tem de imperar numa religião toda de amor e caridade.

São estes os seus principios de liberdade e de justiça e se, por acaso, elles nem sempre prevalecem, não é por fraquesa de seu fundamento, mas por venalidades de imprefeição humana.

Onde a Virtude estiver ella surgirá, como o talento não ficará oculto.

E' certo que na grande labuta da vida muito esforço se perde e muito desanimo acaba por vencer os mais fracos. Sorte assim teria, talvez, o pobre presbitero que hoje assume um principado da Egreja, se não tivesse tido um braço potente a amparal o na sua espinhosa carreira, a despeito da inteligencia e vontade que possuia.

Filho de familia pobre e modesta, o novo bispo de Angola e Congo nasceu em Aveiro e no liceu daquella cidade fez seus estudos sempre saíndo distinto. Levado por sua inclinação mistica, foi continuar a estudar no Seminario de Coimbra, com tanta aplicação como inteligencia, o que despertou maior interesse aos professores e não menor ao ex.^{mo} e rev.^{mo} Bispo Conde, alma magnanima, aberta a todas as generosidades e que reconhecendo, com o seu fino espirito, as raras qualidades do moço estudante, o tomou sob sua proteção, de modo que, concluindo este o curso no Seminario, o subsidiou para ir continuar estudos em Roma, no Colegio de Santo Antonio dos Portuguezes, onde se formou em filosofia e teologia ao fim de um curso brilhante, em que deu tão grandes provas de inteligencia como de modesto em sua conduta.

De volta de Roma, onde concluira seus estudos, foi provido numa das cadeiras do Seminario que lecionou superiormente, com util aproveitamento de seus discipulos pela maneira insinuante com que se lhes dirigia.

Naturalmente inclinado ao amor e caridade cristans, se seu talento crescia em cabedal de saber, não cresciam menos suas virtudes como apostolo de Jesus Cristo, tudo indicando-o para mais altas missões da Egreja Lusitana.

Tendo vagado a mitra de Angola e Congo, pela transferencia do ex.^{mo} e rev.^{mo} Bispo daquella diocese, D. Antonio Barbosa Leão, para a do Algarve, foi apresentado Bispo da diocese vaga sua ex.^{a} rev.^{ma} D. João Evangelista Lima Vidal, com a plena aprovação de Sua Santidade o Papa Pio X.

Não poucas foram as oferendas feitas ao novo bispo, na sua sagração, oferendas de alto valor, taes como uma cruz peitoral cinselada em ouro, do sr. desembargador Manuel dos Reis Lima; uma mitra de lhama de prata ricamente bordada a ouro com incrustações de pedras preciosas, da Congregação das Irmans Terceiras de S. Domingos. Esta mitra foi feita no Colegio de Santa Joana, Princesa, de Aveiro.

Sua ex.^{a} rev.^{ma} o Bispo Conde de Coimbra deu um lauto banquete em honra do novo antistite, no dia da sua sagração, em que tomaram parte muitas das pessoas convidadas para assistir á ceremonia religiosa, e que foi uma das festas mais lusidas que se tem dado no paço episcopal.

O ex.^{mo} e rev.^{mo} bispo D. João Evangelista breve vae partir para a sua diocese, e estamos seguros de quão benefica será a sua influencia naquella vasta provincia ultramarina, que aliaz tem sido pastoreada por muito dignos prelados da Egreja Lusitana.

Viscondessa de Monte-São

Ha cerca de trinta annos que conheci esta excelente senhora e, não sei que singular impressão me produzia sua presença, os seus annos, que me acostumei a venerál-a sempre que a via, quando uma ou outra vez a encontrava, em Lisboa, em casa de seu filho e meu querido amigo o sr. conde de Valenças.

Nesses breves encontros mal podia conhecer e avaliar todas as virtudes que adornavam esta senhora; mas o que logo á primeira vista denunciava era a doçura, a bondade natural que de sua pessoa e conversa rescendia.

Assim nasceu a minha admiração por esta sim-

patica senhora de quem fui avaliando o tezouro de virtudes que se recolhia em seu coração.

Os annos não lhe trouxeram os egoismos da velhice, a tristesa, os aborrecimentos do mundo. Alma de eleição formada para os ediaes do bem, coração privilegiado nascido para as grandes dedicações, que as asperesas e cuidados da vida nunca esmoreceram, sua bondade media-se pela fortaleza de seu animo.

Nascida á beira do Mondego, no solar de Monte-São, menina a levaram a educar ao convento das Ursulinas, que das margens do rio dos poetas não se aparta, e por isso sua infancia decorreu bafejada por aquellas brisas, que tantas vezes lhe levariam aos ouvidos o som das violas e o éco das canções entoadas por moços que depois foram poetas consagrados. E ouviria esses cantares, nas horas silenciosas da clausura, entre a prece com que elevava a alma a Deus e foi formando seu espirito crente com a doçura e poesia da religião de Jesus, numa nitida e elevada compreensão do cristianismo.

Aquelles tempos eram de guerras e tambem de romance, que imperava nas almas e nos corações, num alto ideal formado de heroicidade e de dedicação.

Nas lutas liberaes se batiam velhos e novos; dessas lutas veiu o homem que havia de cativar seu coração, e aos 18 annos desposava-se D. Guilhermina Leite Ribeiro Freire com o que foi depois visconde de Monte-São.

Tanto se enamorara do valoroso militar, como do cientista, que teve sua catedra na Universidade. A lucidez de seu espirito compreendia bem o valor do homem que se arrebatava pela paixão politica e se elevara pelo estudo e saber que lhe enriqueceram o talento.

Daí lhe veio a veneração e o respeito que tinha por seu marido, e quantas vezes foi o balsamo consolador a suavisar-lhe as agruras da vida, o anjo bom do lar, onde crescia uma numerosa familia fruto do seu amor, e que lhe foi honra.

Assim seu coração se repartia no amor conjugal e no amor maternal, sem esquecer aquelle outro grande amor da caridade para os pobres e para os humildes, que todos nelle tinham logar.

Os dotes da sua educação e nobresa, não lhe ofuscavam os dotes naturaes de sua simplicidade, com que a vida lhe decorreu desambiciosa e feliz, naquella grandesa de alma que encara com a mesma serenidade os revezes ou as prosperidades.

Virtuosa senhora foi, emfim, a illustre titular que baixou ao tumulo coberta de bençãos do povo de Coimbra, que a adorava, e das saudades pungentes de seus filhos, que a idolatravam.

Na sua modestia envolvida, lá viveu no velho solar, onde morava a paz da consciencia que Deus dá aos seus escolhidos, e na sua residencia de Coimbra morreu aos 88 annos, não como a luz que se apaga para não mais brilhar, mas deixando o rastro luminoso de suas virtudes que por dilatado tempo viverá na memoria de todos que a conheceram e muito a amaram.

E' esta a expressão sincera de meus sentimentos que aqui apresento á ilustre familia da senhora viscondessa de Monte-São, e muito em especial a seu filho, e muito meu presado amigo, sr. conde de Valenças.

CAETANO ALBERTO.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

Festas comemorativas no Porto e Amarante

A Comissão Executiva do Centenario da Guerra Peninsular vae celebrando as datas mais gloriosas daquella guerra, que se prolongou por seis annos fóra, desde 1808 a 1814, comemorando agora a heroica defeza da ponte de Amarante pelas tropas do general Silveira, em 2 de maio de 1809; a entrada do exercito anglo-luso no Porto a desalojar os francêses, em 12 de maio do mesmo anno, celebrando tambem a ceremonia de lançar a primeira pedra de um monumento que se vae erguer naquella cidade, na praça Mousinho de Albuquerque, aos heroes defensores da independencia da patria que no norte expulsaram os francêses da terra portuguêsa.

Amarante foi teatro de uma das acções mais heroicas do exercito português, como tantas houve nessa assombrosa guerra contra os invasores da patria. A encantadora vila do Douro, assente sobre a margem direita do rio Tamega e cuja origem de terra povoada se perde nos tempos, parecendo já existir 360 annos antes da era cristã, é certo nella terem dominado os romanos e por ter sido seu governador o capitão Amaranto, que lhe impoz seu nome, assim ficou denominada, com a simples alteração de trocar o *o* da ultima silaba por *e* e chamar-se agora Amarante.

VISCONDESSA DE MONTE-SÃO
Aguarela de Roque Gameiro, composta por um retrato a sanguina, feito em 1851

Por sua posição geografica ella foi campo de continuas guerras até á edade média, acabando por ficar completamente arrazada. Foi pelo anno de 1250 que um santo varão de nome Gonçalo chegou aquelle logar despovoado, de volta de peregrinação á Terra Santa, e ali levantou uma capelinha, que dedicou a Nossa Senhora da Assumpção, onde passou os restos da vida e morreu com fama de santidade, atribuindo-lhe o povo dos arredores muitos milagres, indo em romaria a S. Gonçalo, e principiando-se a fazer casas para os romeiros, com o que pouco a pouco se foi de novo povoando aquella terra, sob o padroado de S. Gonçalo.

Do antigo Amaranto restava apenas a ponte romana sobre o Tamega, mas esta acabou por se arruinar, e a tradição diz que o santo varão Gonçalo fizera outra de madeira, que ainda durou bons quatro seculos, até que nos meados do seculo XVII caíu arruinada. A ponte que hoje existe e que bem se considera um monumento historico, é obra dos fins do seculo XVIII, mandada construir em 1781, no reinado de D. Maria I, por influencia do dr. Caetano José da Cunha e Mello, corregedor, provedor e contador da fazenda real da comarca de Penafiel. Esta ponte, muito solida, toda de pedra, tem levantado nas suas entradas quatro obeliscos de cantaria, num dos quaes agora foi colocada a lapide comemorativa, de que ao deante nos acuparemos.

Falta-nos espaço para desenvolver maior noticia, sobre Amarante, uma das mais lindas terras do Douro, e tambem das mais historicas, terra abundantissima de cereaes e de vinho, especialidade do vinho verde que ali se fabrica e exporta em quantidade.

Junto á ponte existe o antigo convento dos Dominicanos, fundado por D. João III e a rainha D. Catarina, em 1540, e nelle existe o tumulo de S. Gonçalo que o povo venera com grande devoção.

Do saque que as tropas francêsas praticaram em Amarante, respeitaram um quadro pintado em madeira representando Cristo Crucificado, de grande valor artistico, que por isso ou por não o poderem levar, lhe puzeram sentinelas para que a soldadesca, na sua furia vandalica o não destruisse, como tantas obras de valor destruiram quando as não puderam levar.

Esse saque foi tão devastador como grande era a furia do exercito de Napoleão pela formidanda resistencia que as forças portuguêsas, comandadas pelo general Silveira, lhe opozeram á sua passagem em Amarante.

De um bem elaborado artigo a respeito daquelle general, que foi depois conde de Amarante, publicado a paginas 178 do volume XXXI desta revista, escrito pelo sr. Ribeiro Arthur, recordamos os seguintes periodos referentes á defeza da ponte de Amarante:

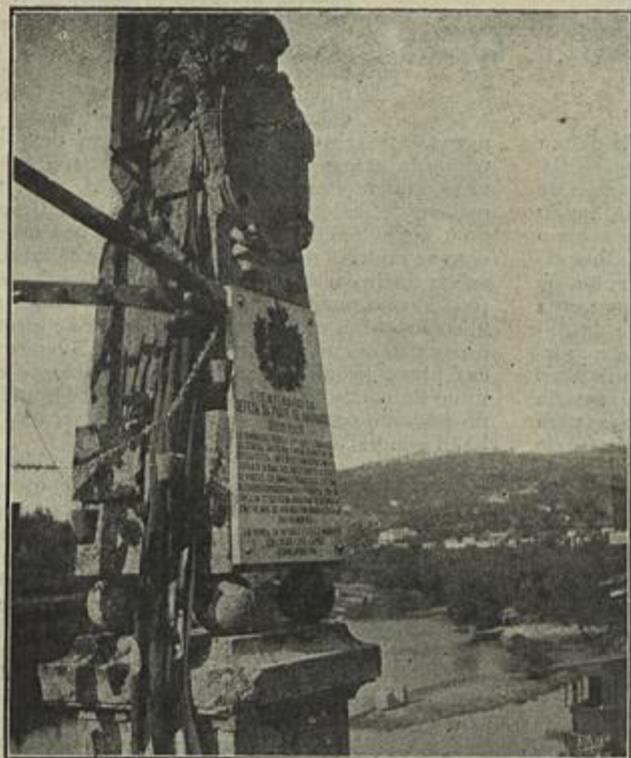
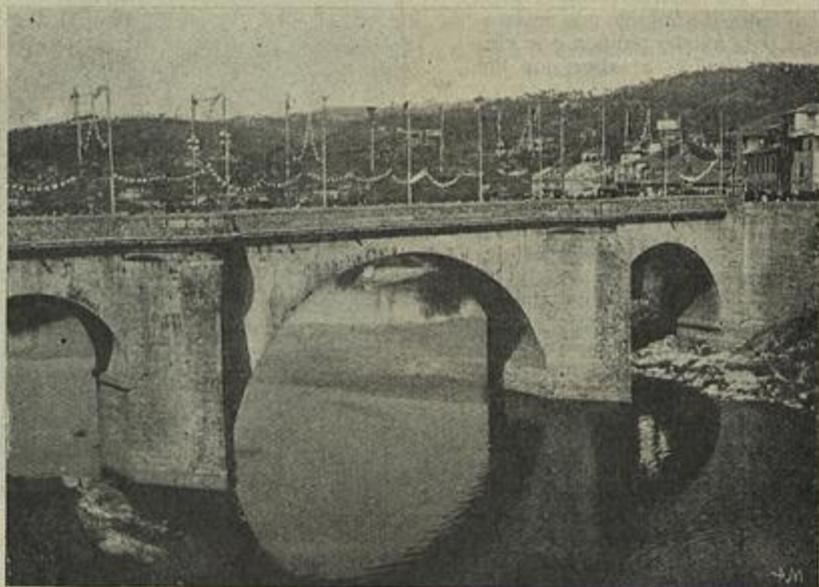
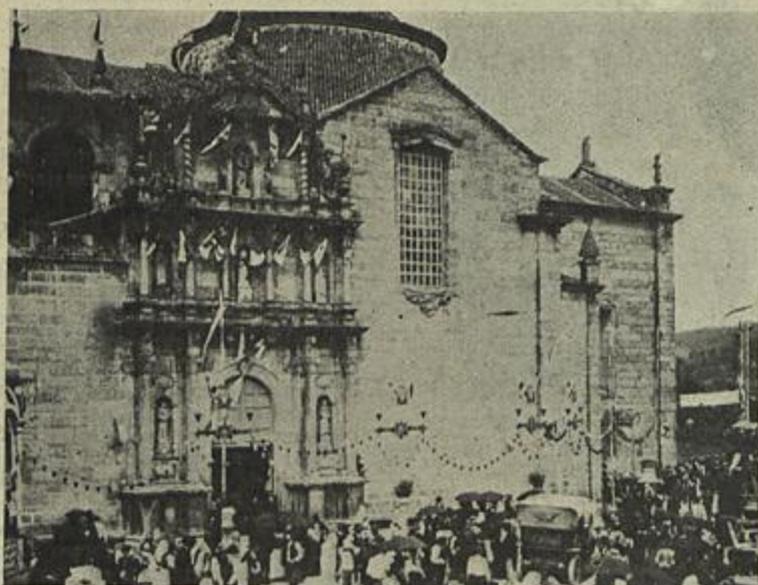
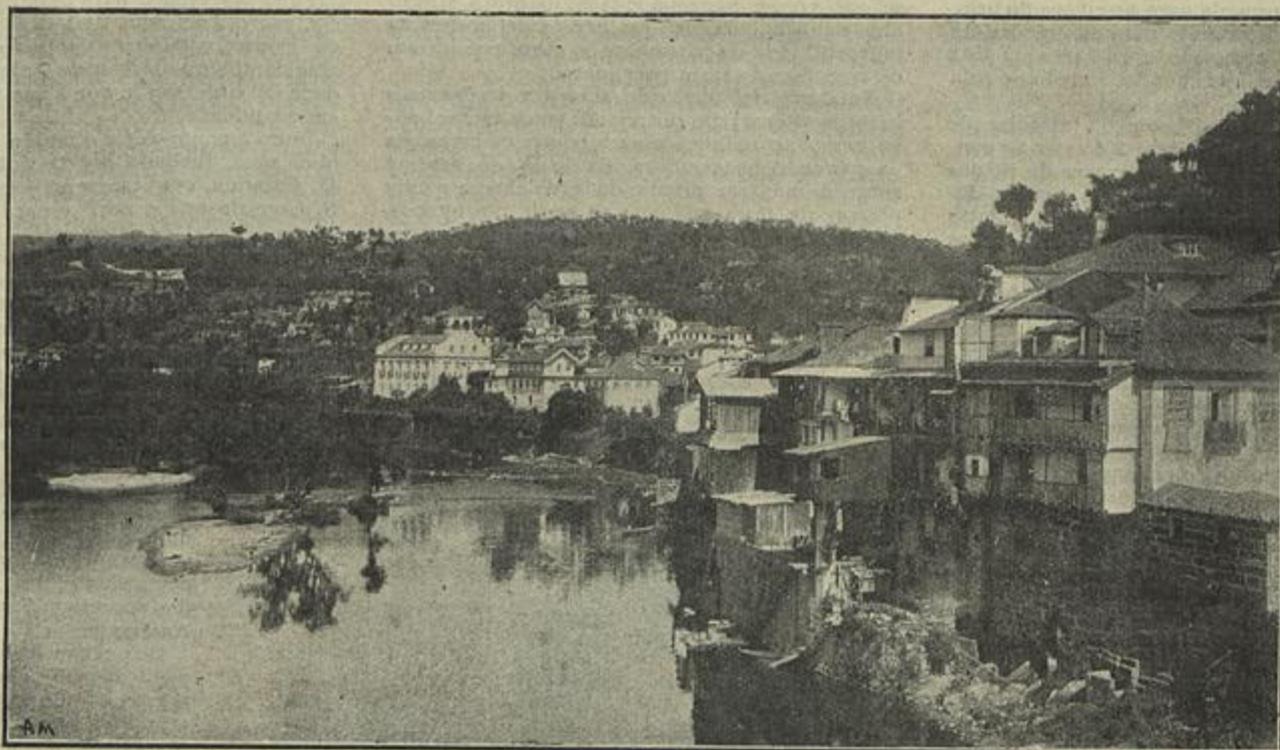
....

«A atitude exaltada, patriotica, mas impotente contra os soldados de Napoleão, do povo de Amarante, ocasionou uma das mais bellas acções de Silveira: a defeza da ponte do Tamega.

Eram apenas 2:000 homens que tinham de opor-se pelo espaço de 9 leguas ao ataque de forças aguerridas. Durou esta luta heroica 14 dias. O primeiro ataque de Delaborde para forçar a passagem durou o dia inteiro, vieram ao general francês reforços chegando a reunir 12:000 homens, e dias sucessivos atacou debalde as baterias de Silveira. A 29 de abril um impetuoso ataque de tres columnas francêsas, não poude ainda vencer a resistencia heroica dos soldados de Silveira. Estas noticias chegaram a Soult que foi pessoalmente em auxilio de Delaborde para vencer aquelle tenaz obstaculo. No dia 2 de maio um espesso nevoeiro protegeu os francêses que ao mesmo tempo que conseguiram chegar á cabeça da ponte e incendiar uma das nossas trincheiras, alcançaram que umas columnas, ocultas pela sombra da nevoa, atravessassem o rio e fossem pela retaguarda atacar as nossas baterias. Este imprevisto ataque desnorteou os soldados, que, tomados de subito panico, debandaram. Conseguiu ainda assim Silveira retirar em boa ordem com as milicias de Chaves, Vila Real e Miranda e salvar quatro peças de artilharia. Beresford censurou Silveira por se ter deixado envolver, mas conhecidos todos os detalhes desta heroica e assombrosa defeza com tão fracos recursos, Silveira foi em breve promovido a marechal de campo e o titulo de conde de Amarante, a prova de gratidão do governo português ao campeão esforçado, ao habil general.»

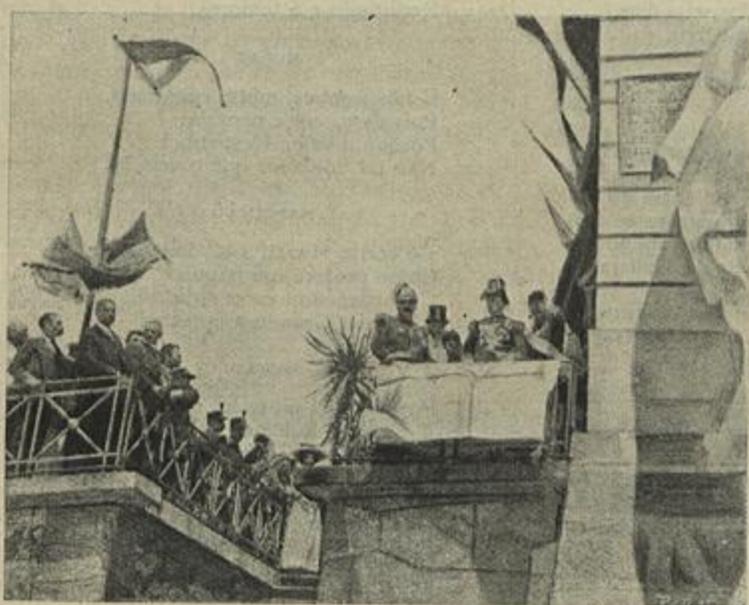
....

E' este feito de armas que foi agora comemorado festivamente, pelo povo de Amarante que se associou á festa oficial com que foi colocada a lapide comemorativa, num dos obeliscos da ponte. A vila toda se engalanou de bandeiras, festões, e pelas janellas pendiam ricas colchas de seda dos peitoris, onde se debruçavam senhoras, que esperavam a passagem de El-Rei para sobre elle espargirem braçados de flôres. Foram tres dias de festa, em que se realisou um cortejo civico que se formava de estudantes, corpo do comercio e agricultura, com carros alegoricos, autoridades civis e militares, etc.

Centenario da Guerra Peninsular

EM AMARANTE — Uma vista da Vila — O antigo convento Dominicano e egreja de S. Gonçalo — A ponte de Amarante — A lapide comemorativa no obelisco da ponte — Chegada de El-Rei a Amarante.

(Clichés Benoliel e Pereira Cardoso)

Centenario da Guerra Peninsular

NO PORTO — Chegada de S. M. El-Rei D. Manuel II, ao palacio da Bolsa — S. M. El-Rei, sahindo do palacio da Bolsa depois da Sessão Real da Sociedade Protetora dos Animaes acompanhado pelo presidente da Sociedade e pelo presidente da Associação Comercial sr. dr. Julio de Araujo

Descerramento por El-Rei, da lapide comemorativa no Colegio dos Orfãos — O Colegio dos Orfãos onde foi colocada a lapide comemorativa

Sua Magestade El-Rei D. Manuel partiu de Lisboa para o Porto, no dia 3, acompanhado pelos srs. presidente do conselho, ministros da guerra e da fazenda, membros da comissão executiva do centenario, etc.

Installado no Porto, no palacio dos Carrancas, dali seguiu, na manhan de domingo, 4, para Amarante, indo de automovel, bem como toda a sua comitiva e muitos particulares, formando um estenso cortejo, que seguiu pelas ruas do Porto, calorosamente saudado pela população que em massa se acumulava na passagem. O entusiasmo com que El-Rei foi acolhido no Porto, repercutiu por todas as terras que o cortejo real percorreu até Amarante, onde aguardava o monarca a recepção mais festiva de que ha memoria naquella boa terra.

Sob um sol ardente chegou El-Rei no seu automovel, seguido dos mais que lhe faziam cortejo, e por entre as aclamações delirantes dos amarantenses, percorreu as ruas até aos passos do concelho, onde o presidente do municipio leu a saudação de boas vindas, a que o monarca respondeu numa breve alocução.

A cerimonia de lançar a primeira pedra do Monumento aos Heroes que expulsaram os franceses do norte de Portugal — Assistencia de El-Rei, Bispo do Porto, ministros e comissão executiva.

(Clichés Pereira Cardoso e Benoliel)

Assumindo El-Rei a presidencia, o sr. capitão Costa Santos leu um discurso historiando a Guerra Peninsular, em que frizou os feitos praticados em Amarante.

O sr. conselheiro dr. Antonio Candido, que acompanhava El-Rei, discursou depois largamente, com a eloquencia que lhe é peculiar, sobre o mesmo motivo do orador antecedente, dirigindo palavras de agradecimento a Sua Magestade por ter vindo ali honrar aquella festa que era tanto do exercito como do povo amarantino.

No meio dos aplausos que expluiram ao terminar destes discursos, El-Rei abraçou o sr. conselheiro dr. Antonio Candido, sendo indescritivel o entusiasmo de todos os assistentes a que correspondiam as aclamações incessantes do povo.

Ali mesmo foi lido e assinado o auto da colocação da lapide comemorativa, passando-se depois ao acto do descerramento, para o que se dirigiu El-Rei com

sua comitiva, camara municipal e mais autoridades, á entrada da ponte, onde se verificou a ceremonia.

A lapide colocada no obelisco direito, é de marmore encimada pelo escudo das armas portuguêsas em bronze, e a seguinte inscrição embutida a letras em preto:

1.º CENTENARIO
DA DEFEZA DA PONTE DE AMARANTE
1809–1909

AS DIMINUTAS TROPAS QUE SOB O COMMANDO DO GENERAL SILVEIRA FORAM DISPOSTAS EM DEFEZA D'ESTA PONTE, RESISTIRAM HEROICAMENTE DURANTE 14 DIAS AOS SUCCESSIVOS ATAQUES DE FORTES COLUMNAS FRANCEZAS, ATÉ QUE DESTRUIDO O ENTRINCHEIRAMENTO PRINCIPAL POR UM SINGULAR ESTRATAGEMA, HOUVERAM DE RETIRAR-SE EM 2 DE MAIO DE 1809, INDO CONTINUAR A LUCTA EM TRAZ-OS-MONTES.

EM HONRA DO NOTAVEL FEITO É MANDADA COLLOCAR ESTA LAPIDE COMO MEMORIA.

* * *

Não foram menos significativas as festas que se realisaram no Porto comemorando a expulsão das tropas francêsas daquella cidade, festas a que a presença de El-Rei D. Manuel, que pela segunda vez visitava a capital do norte, mais aumentou o entusiasmo popular, profiando todos em mostrar a maior simpatia e carinho ao jovem monarca.

No dia seguinte ao do regresso de El-Rei de Amarante, segunda feira 5, teve logar o descerramento da lapide comemorativa colocada no cunhal do edificio do Colegio dos Orfãos, que olha para a ponte Maria Pia. A ceremonia a que assistiu El-Rei com sua comitiva, ministros, Bispo do Porto, camara municipal e mais autoridades, começou pela recepção de Sua Magestade na grande sala do Colegio dos Orfãos, repleta de convidados, onde o alumno sr. Oscar Monteiro leu uma poesia e entregou a El-Rei um lindo ramo de flôres.

O sr. presidente da camara fez uma breve alocução, a que Sua Magestade respondeu, sendo depois lido e assinado o auto da colocação da lapide, cuja é de bronze, executada na fundição do Bulhão, e mede 1m,2 de altura por 0m,95 de largura, tendo a seguinte legenda:

C. M. P.
1909

POR AQUI ENTROU O EXERCITO ANGLO-LUSO EM 12 DE MAIO DE 1809 A DESALOJAR AS FORÇAS FRANCEZAS QUE OCCUPAVAM O PORTO.

De facto, pela antiga estrada militar, denominada *Wellesley*, mandada abrir por este general inglês comandante das tropas anglo-lusas, estas por ali deram entrada no Porto, ficando assim a lapide perfeitamente colocada no cunhal voltado ao sul-poente, fronteiro á dita estrada.

Depois desta ceremonia, El-Rei assistiu á sessão solemne comemorativa do 31.º anniversario da Sociedade Protetora dos Animaes, na grande sala da Associação Comercial do Porto, com numerosa assistencia das pessoas mais distintas da sociedade portuense, e onde Sua Magestade foi alvo das maiores manifestações carinhosas, e entusiasticamente aclamado.

Depois desta sessão, El-Rei assistiu a um festival dos bombeiros, com exercicios e destribuição de premios, que foi muito concorrido e deu logar a novas e ruidosas aclamações, que sempre acompanharam El-Rei na capital do norte.

Quasi ao fim do dia é que Sua Magestade poude ir assistir á ceremonia de lançar a primeira pedra do monumento, a qual revestiu toda a solemnidade destes actos, comparecendo o Bispo do Porto, D. Antonio, acompanhado dos conegos, para proceder á benção da pedra.

Formaram as tropas da guarnição da cidade e assistiram á ceremonia contigentes dos corpos de artilharia n.º 4, cavalaria n.os 4, 7 e 10, infantaria n.os 3, 13 e 16, como representantes dos regimentos que faziam parte do exercito anglo-luso que efetuou a passagem do Douro e restaurou a cidade do Porto.

El-Rei deu recepção no paço aos oficiaes da guarnição e á noite assistiu a um festival no Palacio de Cristal, sendo sempre acolhido com grande entusiasmo, conservando-se a cidade em festa até á sua retirada para Lisboa, que se efetuou no dia seguinte de manhan.

Nesta curta viagem de El-Rei ao norte, teve o joven monarca ocasião de receber evidentes provas de quanto é simpatico ao povo português que muito lhe quer, provas que aliaz tem sempre recebido em toda a parte e que bem lhe foram patenteadas tambem na sua primeira visita que o anno passado fez á capital do norte e cidades visinhas.

No regresso á côrte, o povo de Lisboa fez-lhe entusiastica recepção desde o Rocio até o paço das Necessidades.

C. A.

Continuando no proposito que manifestei, no numero do OCCIDENTE de 20 de junho findo, de fazer reaparecer á luz da publicidade alguns escriptos curiosos e interessantes referentes á guerra peninsular, sacudo hoje do pó de um seculo em que achei envolvido o seguinte *Dialogo entre Murat e Buonapart*, escripto em hespanhol e traduzido em portuguez, por auctor e traductor desconhecidos, no qual são alvejados com a mais acerada critica os meritos militares e politicos de Napoleão e dos seus generaes, ao passo que se põe em relevo o valor patriotismo e fidelidade dynastica dos hespanhoes e portuguezes. De passagem descreve o auctor os episodios mais importantes da campanha de 1808 até á revolta de 2 de maio do mesmo anno.

O que impressiona no escripto é ter elle sido uma verdadeira profecia, quando o auctor põe na boca de Murat o conselho que dá a Napoleão, de fazer as pazes com a Inglaterra, e de abdicar dos seus pomposos titulos, em troca de um Casal onde possa passar socegado o resto dos seus dias.

Napoleão recalcitra e Murat diz-lhe:

Queira Deus que antes de muito
Não estejas arrependido.

E arrependeu, porque em vez do casal que Murat lhe aconselhava a pedir, não tardou que a Inglaterra apeando-o com mãos violentas do pedestal da sua grandeza, o não encarcerasse n'aquella triste prisão, que para o maior capitão dos tempos modernos, foi a ilha de Santa Helena.

RIBEIRO ARTHUR.

DIALOGO
ENTRE
MURAT E BONAPARTE
NO QUAL SE EXPÕE OS ACONTECIMETOS
NA
HESPANHA E PORTUGAL
AS TRAMAS E ARDIS, QUE OS FRANCEZES USARAM,
E RESISTENCIA, QUE OS HESPANHOES LHES FIZERAM
ATÉ QUE O MESMO MURAT FUGIU
DA HESPANHA

TRADUSIDO DO HESPANHOL PARA PORTUGUEZ

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA — ANNO 1808

COM LICENÇA

DIALOGO

NAPOLEÃO

Que é isto, amigo Murat,
Que tamanha novidade!
Como deixaste Madrid?
Porque d'Hespanha te ausentas?
Falla; que muito desejo
Saber com palavras certas
Tudo quanto tens passado:
E assim não mais te demores.

MURAT

Senhor, vamos de vagar,
Dir-te-hei o que souber.
Mas primeiro uma cadeira
Manda que logo me tragão,
Para poder descançar,
Porque me doem as pernas.

NAPOLEÃO

Dizes bem, pois advirto,
Que huma gordura as rodêa
Bastante consideravel:
Prova muito verdadeira
Do bem que te receberão
Os ares daquella terra.

MURAT

Deixemos esses principios,
Que agora não quadrão bem;
E vamos ao que importa,
Porque a coisa está p'rigosa.

NAPOLEÃO

Pois que temos lá de novo?
Falla; e não te surprenda
Cousa nenhuma, porq'eu
Te darei quanto desejas.

MURAT

Grande Imperador da França,
Nossas forças não servirão
Para conquistar a Hespanha,
Nem servirão as promessas,
Que a todos fiz geralmente,
Dizendo que lhes daria
Descanço, e com elle muitas
Pecetas, e beneficios;
Touros para divertir-se,
Porque são apaixonados;
Bailes, boleros, fandangos;
Não pagar em a Comedia;
Mas de todas estas ordens
Não logrei ao menos uma.

NAPOLEÃO

Pois todas tuas finezas
Tem desprezado, e não olhão
Que a arrogancia Franceza
Aniquilará a Hespanha,
Reduzindo-a a temores!

MURAT

Estais, senhor, muito enganado,
Pois dessa sorte pensais;
Porque o valor Hespanhol
Não ha Soldados que o venção.

NAPOLEÃO

De certo, Murat, estás louco!
Como profere tua lingua
Cobardemente esses ditos
A' minha Grandeza opostos?

MURAT

Porque aqui ninguem nos ouve,
E he justo fallemos claro
Tratando-nos como Irmãos,
Pondo de parte as Altezas,
E Imperiaes Magestades,
Que a nossas Pessoas cercão;
E assim o que sinto digo:
Pois já não preciso agora
Fazer imprimir Gazetas,
Para mentir, como lá;
Pois nem huma só verdade
Mandei dizer que puzessem
Nos papeis, que s'imprimirão;
E cançado d'embrulhar,
Meu coração só anhela,
Senhor, a desenganar-vos,
Ou me deis, ou não deis credito.

NAPOLEÃO

Que vistes nos Hespanhoes
Para fallar desse modo?

MURAT

Muito amor p'ra com seu Rei
Fernando, a quem só desejão
Vêr collocado no throno;
E isto ha de ser com presteza.

NAPOLEÃO

Mas dize-me; e meus Soldados
Não estão em Serra Morena?

MURAT

Sim, Senhor, porém Dupont,
C'o as nossas Aguias Francezas,
E todas as suas Tropas,
Lá ficárão prizioneiras;
E os sabres, e as espingardas
Forão trocados em rocas,
Porque o General Castanhos
Soube bem jogar-lhe as voltas.

(Continúa.)

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1099)

VII

Soccorro inesperado

Assim que lobriguei a figura esquesita do homem amarello, tomei logo uma resolução, pois vi immediatamente o porto a que tinha de me dirigir.

— Ah! estás ahi, menino! — disse com os meus botões. — Os outros não devem estar longe! Viste-me entrar e queres impedir-me a sahida!... Deixei-me caír na ratoeira como um rato inexperiente, e sem proveito para Ruth nem para mim. Em todo o caso... veremos!... Gosto de campo aberto, Kesse Denton, e sem tardar muito.

Pensei isto, mas ao mesmo tempo tambem me convenci que não era conveniente fazer o papel de gato assustado, e com o maior sangue frio e sem fazer caso do nosso espia, dirigi-me a miss Ruth e dei-lhe as bôas noites.

— Sinto que não possa vir a bordo, senhora, — disse desfarçadamente. — Levantâmos ferro d'aqui a uma hora e não nos tornaremos a vêr antes de um mez. Mas espero mandar-lhe noticias minhas, se puder arranjar as coisas conforme tenciono. Emquanto a seu mano, Mr. Kenrick, talvez tenha noticias d'elle em S. Francisco, e é provavel que lh'as traga quando voltar. Bôas noites, desejo-lhe muita saude e prosperidades.

Estendi a mão a Ruth que apertou, sem saber o que fazia.

O homem amarello avançou então um passo:

— Olá!... amigo!...

Inclinei a cabeça como a saudal-o, emquanto elle me punha a mão sobre o hombro.

Pobre tôlo! Julgou talvez que eu era uma criança e que me podia tratar como tal. Mas, eu tinha aprendido um ou dois *golpes* do *jiu-tsu*, quando estive no Japão, e em menos de dois segundos, agarrei-lhe a mão e tal volta lhe dei ao braço, que o fiz soltar um grito de dôr que se ouviu em toda a ilha.

— Se gritas d'essa maneira, és capaz de perder tão excellente voz que Deus te deu — chasqueei. — Já alguem te pediu para cantares em córos orpheonicos? Não? Pois deixa estar, que has de entrar para um que lá temos a bordo.

Dito isto avancei até á porta, julgando ter liquidado com Denton, e ainda mal me encontrava no jardim, quando senti sibilar-me uma bala aos ouvidos e logo outra, seguida de duas detonações que resoaram sinistramente por entre os rochedos.

Não tinha necessidade de saber que qualidade de musica era aquella com que me despediam, pois a conhecia bem, e dando repentinamente meia volta, lancei-me sobre o homem amarello, e agarreio-o pela garganta antes que se perdesse ao longe o estampido dos tiros.

— Kesse Denton! — exclamei — já que tanto apertas, vou fazer-te a vontade!...

Arranquei-lhe da mão a pistola fumegante e dei-lhe com a coronha na cabeça de tal maneira, que aquelle homemzarrão caíu no solo sem soltar uma palavra.

— Um, — disse eu — um que tem concorrido bastante para o soffrimento de Ruth.

Deitei depois a correr direito á porta do jardim, onde Peter Bligh me esperava ancioso, e que exclamou ao vêr-me:

— Sois vós, capitão, sois vós? Ainda bem! Ha vultos nos montes e Seth Barker tem assobiado como um desesperado. A senhora vem para bordo? Não?!... Afinal de contas, não me surprehende! Esta terra é a coisa mais mysteriosa que tenho visto.

Não lhe dei resposta. Dolly Venn appareceu tambem correndo do seu posto, e anciosamente me pediu noticias.

Não havia duvida: era preciso abrir caminho até á praia. Tinha passado a opportunidade, de, n'aquella noite, se fazer qualquer coisa em favor de miss Ruth. Agora a nossa salvação estava em encontrarmo-nos a bordo do *Cruzeiro do Sul*, e depois em S. Francisco da California.

— Que viste, Dolly? dize depressa, porque não temos tempo a perder.

Por unica resposta, impoz-me silencio com o dedo nos labios e depois de sondar o caminho pela parte E. do jardim, respondeu:

— O bosque está cheio de homens armados. Dois d'elles, passaram quasi por cima de mim, quando estava agachado acolá. Levavam carabinas e pareciam allemães, ainda que não tenho a certeza d'isso.

— Allemães ou chinezes, temos de nos haver esta noite com elles. Onde está Seth Barker? Porque não veiu ainda? Crês que se possa passar pelo caminho do monte, valente safio!? Chamem-no!...

Ia eu proprio a fazel-o, quando Seth Barker appareceu em pessoa, quasi sem alento, como se viesse d'aquelle lado. O mais notavel é que trazia na mão um grosso tronco d'arvore, a que se apoiava. Comprehendi então, que para chegar até nós, tinha luctado com alguem, mas não era aquelle o momento para explicações.

— Venha para bordo, capitão — disse elle respirando como um toiro. — O caminho está vedado, mas já dei com este arrocho na cabeça d'um que me queria impedir o passo, e ainda estou por aqui com alguma coragem.

— Ha gente por ahi acima? — perguntei.

— Ha talvez uma duzia ou mais. Estão lá pelas alturas, esperando a nossa passagem.

— Está bem. Não ha duvida nenhuma. A companhia que me aguarda é de primeira ordem! Pois em vista d'isso, corramos ao seu encontro, e quanto mais depressa melhor. Seguiremos pelo valle e veremos depois onde vamos parar. Tu, Seth, segura-te com o teu cacete, e se alguem se atravessar na nossa frente, não esperes por demasias.

Calculava em chegar á praia pelo caminho do valle, para me encontrar com Harry Doe, se fosse possivel, e não o sendo, fazer signal ao barco para nos soccorrer.

Qualquer caminho me parecia melhor do que aquella ratoeira, armada para nos tolher o passo.

«Uma vez a bordo, pensava eu, vamos a todo a vapor para S. Francisco, e recorreremos ao governo americano, para que elle veja o que tem a fazer com respeito a Ruth Bellenden e com o marido.

«Somos quatro contra cem, pelo menos, e são cem homens sem escrupulos e sem terem nada a perder. Se escapamos com a pelle no seu logar, dar-nos-hemos por muito felizes. Mas, conseguilo-hemos? As probabilidades são mil contra uma.»

Mettemos ao bosque, tropeçando aqui, levantando-nos além, apressando-nos umas vezes, outras diminuindo o passo, andando de gatas, encobertos com as serras ou correndo quando o terreno o permittia.

Todo o caminho estava cheio de gente embuscada.

Um d'elles saltou-me ao caminho, gritando.

— Pára!... E's tu, Bob Williame?

— Sou, sim — respondi, e antes que elle se pudesse certificar, dei-lhe tamanho sôcco no meio da testa, que o fiz baquear sem sentidos.

Com este homem vinha outro que tropeçou em Seth Barker, mas o carpinteiro atirou-lhe tal cacetada que lhe fez a cabeça n'uma romã. Deixou escapar um grunhido e cahiu de costas, sem comtudo largar a arma.

Dolly Venn começou a rir como um perdido, e Peter soltou um viva enthusiastico, mas a escuridão envolveu tudo n'um minuto, e continuámos depois a nossa jornada até á costa, com a velocidade e ancia de quem quer salvar a vida.

— Vês algum caminho, Peter? — perguntei, porque já me ía faltando a respiração.

— O diabo que o veja, porque eu já não posso com o corpo.

— Parece que foi um tiro disparado das rochas, — exclamei poucos momentos depois.

— Foi um tiro, foi — affirmou Dolly. — Pelos modos estão atirando uns aos outros!... E' delicioso, isto!...

— Cuidado, rapaz, olha que te afogas!... Não vês a agua diante de ti?

Foi gritando que o avisei, e eu mesmo fiquei immovel como uma estatua, á beira do charco mais negro que tenho visto desde que me entendo.

O carreiro por onde íamos, conduzia para os rochedos, quasi um abysmo, que pela manhã atravessamos sobre uma ponte rustica, e que se via agora lá no alto, por sobre as nossas cabeças.

A agua do charco estava coberta de plantas trepadeiras, onde nadavam horriveis serpentes, que brilham na agua da lagôa, com scintillações extranhas e repugnantes. Ao mesmo tempo saía do lago um cheiro nauseabundo que ameaçava soffocar-nos.

Um bosque impenetravel rodeava por todos os lados o charco, de maneira que não tinhamos outro remedio senão lançarmo-nos á agua e nadarmos para o outro lado, ou então, voltarmos para traz, o que tambem não era das coisas melhores.

No ultimo caso, não havia que pensar pois sentiamos a poucos metros de distancia, o estalar das ramadas que os nossos inimigos pisavam.

(Continúa.) RICARDO DE SOUZA.

O MEZ METEOROLOGICO

Junho 1909

Barometro. — Max. altura $769^{mm},7$ em 16.
» Min. » $756^{mm},5$ em 2.
Termometro. — Max. altura 28º,3 em 19.
» Min. » 11º,4 em 13.

A temperatura manteve-se baixa, todo o mez, em relação ao normal, sendo a maxima de 28º,3, a mais fraca maxima observada desde 1883. (N'esse anno, o thermometro, em junho, não excedeu 27º,5.) Desde 1 até 13, as maximas foram sempre inferiores a 20º, facto raro no nosso paiz. Durante esse periodo de tempo, a maxima foi em 10 (19º,4). Minimas egualmente baixas em quasi todo o mez.

Chuva — $13^{mm},2$ em 6 dias (2, 3, 4, 7, 14 e 21).

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 12 dias.
» Nublado 18 dias.

Temperaturas médias extremas — 22º,67 (19) — 13º,39 (2)

Vento dominante — NW.

Annuario Comercial de Portugal

Em tempo competente recebemos um exemplar desta obra correspondente ao anno de 1909, e desde logo tomámos o proposito de nos ocuparmos della com a atenção que este importante annuario merece.

Já conheciamos o sr. Manoel José da Silva quando, ha vinte e nove annos, elle lançava as bases do *Annuario Comercial*, e confessâmos que não davamos nada pela tentativa, que nos parecia demasiado arrojada, para lograr exito em nosso país, tanto pelo grande esforço de trabalho que era mister empreender para levar de vencida as dificuldades do meio, em que o *Annuario Comercial* tinha os fóros de inovação, como pelo capital necessario para empatar em semelhante obra com poucas probabilidades, entre nós, de dar lucro apreciavel, se não prejuizo, atenta a modestia das transações do país em relação aos grandes centros de movimento estrangeiros, onde, por sua incontestavel utilidade, publicações deste genero alcançam larga procura do publico.

Parecendo, porém, que a divisa do sr. Manoel José da Silva é: *Querer é vencer*, o *Annuario Comercial*, principiando por um modesto volume de umas 600 paginas que englobavam já muita materia util para as relações da familia portuguêsa e do comercio, foi crescendo pouco a pouco com o andar dos annos e a tenacidade de seu proprietario, até ao desenvolvimento em que hoje o vêmos com cerca de 3:000 paginas repartidas em dois grossos volumes de grande formato.

O *Annuario Comercial de Portugal*, abrange hoje, além do continente, as *Ilhas e Ultramar*. E' vasta a sua materia, principiando por um calendario muito completo; **Lisboa,** sua situação astronomica, geografica, temperatura, clima, divisão administrativa, eclesiastica, eleitoral e judicial. — Rapidas indicações de tudo que ha de mais importante para vêr na capital. — Roteiro de Lisboa. — Planta da cidade e dos teatros. — Meios de transportes, terrestres e fluviaes.

Isto se divide em cinco partes: 1.ª **Portugal.** Carta Constitucional. — Divisão administrativa do reino. — Casa Real. — Conselho de Estado. — Ministros. — Titulares. — Ordens militares. — Ministerios (seu pessoal). 2.ª **Moradas** de Lisboa e sédes dos estabelecimentos da capital. 3.ª **Instituições** de administração, ensino, judiciaes, militares, municipaes, etc. **Profissões** dos comerciantes e industriaes de Lisboa. 4.ª **Roteiro** das avenidas, ruas e praças de Lisboa com indicação de bairros e freguezias a que pertencem, etc. 5.ª Caminhos de ferro e Navegação, Praias, Sanatorios e Termas.

MANOEL JOSÉ DA SILVA

Estas indicações contidas no 1.º volume com respeito a Lisboa, seguem na mesma orientação no 2.º volume, que trata das provincias do continente, Açôres e Ultramar. O desenvolvimento d'estas indicações não é facil de calcular, muito especialmente no que respeita a moradas que se contam por alguns milhares, e só o aprecia devidamente quem a cada hora tem de recorrer a este livro para facilitar o expediente, encontrando sempre nelle um guia seguro.

Este genero de livros, de tão grande utilidade que se encontram nos paises de maior movimento e comercio, como a Inglaterra, a França, a Alemanha, etc., representam em Portugal um extraordinario esforço, como frisámos no principio desta noticia, e só um homem com a atividade e energia do sr. Manoel José da Silva poderia fazer vingar obra de tão grande monta, só garantida por sua incontestavel utilidade, o que nem sempre é seguro em nosso país, ainda muito rotineiro e por isso pouco favoravel a inovações.

E' claro que o trabalho que um Annuario como este exige, não seria só para um homem, mas sim para um pessoal habilitado, nos processos de arrolamento e informação, bem como em coordenar e desenvolver o plano da obra, no que o sr. Manoel José da Silva encontrou um ótimo auxiliar no sr. Caldeira Pires, sob a direção de quem é feito o *Annuario Comercial de Portugal*.

Este util livro, que tão bons serviços está prestando ao comercio e industria, e a todas as relações particulares, torna-se cada vez mais indispensavel, como grande enonomia de tempo e de trabalho.

A sua consulta é facil por meio dos seus bem organisados indices, e todas as informações que fornece merecem confiança porque todos os annos passam por uma rigorosa revisão, em que são feitas todas as alterações que ocorrem de anno para anno.

E' uma publicação séria, que honra o seu proprietario, sr. Manoel José da Silva, e todos que com elle colaboram, sendo de todo o ponto recomendavel.

PUBLICAÇÕES

Luz do Oriente, n.º 12, de julho de 1908. N'este volume da revista que, sob o titulo indicado, é impressa e publicada em Pondá — Gôa, avulta como palpitante o artigo consagrado a Akbar o Grande, famoso imperador e estadista indiano, fallecido em 1605, cujo retrato acompanha o mesmo artigo.

D'aqui felicitamos a redacção da revista, que se demonstra empenhada em contribuir para o progresso crescente da instrucção.